

A SUBVERSÃO DA MATERNIDADE EM A FILHA PRIMITIVA, DE VANESSA PASSOS

Tiago Pereira da Silva
(Pontifícia Universidade Católica de Goiás)

RESUMO	ABSTRACT
O presente artigo analisa a obra <i>A Filha Primitiva</i> , de Vanessa Passos, destacando como a escrita da autora aborda questões de maternidade, identidade e ancestralidade sob a ótica da crítica feminista. A maternidade é explorada de forma ambígua, sendo tanto um espaço de subordinação quanto de reinvenção. A ausência de nomes próprios das personagens simboliza a perda da identidade das mulheres negras, cujas histórias e ancestralidades são frequentemente apagadas. A violência estrutural e simbólica contra as mulheres negras permeia a obra, com a escrita surgindo como uma ferramenta de resistência e afirmação de uma nova identidade. A reflexão sobre a maternidade questiona o mito do instinto materno, propondo uma desromantização do papel tradicional da mãe. A protagonista, em busca de sua própria identidade, desafia as expectativas sociais e, por meio da escrita tenta, se distanciar do destino lhe imposto, para reinventar sua própria existência.	This article examines <i>The Primitive Daughter</i> by Vanessa Passos, highlighting how the author's writing addresses issues of motherhood, identity, and ancestry through a feminist critical lens. Motherhood is portrayed in an ambiguous light, serving as both a space of subjugation and reinvention. The absence of proper names for the characters symbolizes the loss of identity for Black women, whose histories and ancestries are often erased. Structural and symbolic violence against Black women runs throughout the work, with writing becoming a tool for resistance and the assertion of a new identity. The reflection on motherhood challenges the myth of maternal instinct, proposing a demystification of the traditional maternal role. In her quest for self-identity, the protagonist confronts societal expectations and, through writing, seeks to distance herself from the fate imposed upon her to reinvent her own existence.
PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Maternidade; Narrativa; Crítica Feminista; Ancestralidade; Resistência.	Motherhood; Narrative; Feminist Critique; Ancestry; Resistance.

INTRODUÇÃO

Vanessa Passos é natural de Fortaleza - CE, é escritora, roteirista, professora de escrita criativa, doutora em Literatura (UFC) e pós-doutora em Escrita Criativa (PUCRS), sob orientação de Luiz Antonio de Assis Brasil.

Seu romance de estreia, *A filha primitiva*, agora publicado pela José Olympio, foi vencedor do Prêmio Kindle de Literatura (2021), do Prêmio Jacarandá (2022), do Prêmio Mozart Pereira Soares de Literatura (2023), e será adaptado para o cinema, pela Modo

Operante Produções.

A *filha primitiva* apresenta uma narrativa rica e multifacetada que aborda as complexidades da maternidade sob uma ótica que desafia os padrões tradicionais. A obra se destaca por representar gerações de mulheres, e os discursos construídos em torno da maternidade, tal como a negação e a culpa materna. Essa perspectiva revela como a maternidade é construída, vivida e contestada dentro de um contexto de opressão racial e de gênero.

O romance gira em torno da vida de uma jovem narradora que não conhece a identidade do pai. Assim como sua mãe, ela dá à luz a uma criança após um breve relacionamento, o parceiro desaparece ao saber da gravidez, o que evidencia mais uma vez o abandono paterno.

A relação entre essa jovem mãe e sua filha, assim como a que ela mantém com sua própria mãe, é marcada por amargura e ressentimento. Ambas são vítimas de abusos e abandonos desde a infância. A mãe, mulher negra, é deixada pelos pais e adotada por uma família branca que a submete ao trabalho doméstico desde cedo, uma prática que ainda é comum no Brasil. A filha, por sua vez, que também é mãe, enfrenta abusos que destroçam sua infância. A raiva permeia a narrativa, movendo a protagonista e criando um clima que envolve o leitor em uma reflexão ambígua de empatia e de julgamento.

A autora debruça sobre a maternidade, e como está se constrói na figura da filha, da mãe e da avó, não apenas como uma condição biológica, mas uma construção social que reflete as expectativas culturais e sociais impostas às mulheres. Segundo bell hooks (2018), a maternidade é frequentemente vista como uma das principais identidades que definem as mulheres, especialmente as mulheres negras, que enfrentam uma dualidade de opressões. Passos, ao retratar suas personagens, evidencia essa luta interna entre o ser mãe e as pressões externas que moldam essa experiência.

Ao se tornar mãe, a narradora não desenvolve, como se poderia esperar, um amor incondicional e instintivo pela criança. Suas atitudes em relação ao bebê são questionáveis, gerando revolta e tensão no leitor.

Elisabeth Banditer (1985), afirma que o mito do amor materno foi um modo de atribuir um papel às mulheres e, sobretudo, de atribuir um papel exclusivo. Para os homens, o poder, o domínio do mundo exterior, e, para as mulheres, a casa, o cuidado das crianças, os trabalhos domésticos.

Além da ausência do pai, a recém-nascida enfrenta a falta de afeto de uma mãe que, embora presente, luta contra desilusões e mágoas profundas. Não há sacrifício por parte dela. O ódio que atravessa a narrativa e a dinâmica entre mãe e filha se intensifica ao longo do texto, criando uma experiência intensa e complexa.

O romance é permeado por diálogos que revelam as tensões entre a realização

pessoal e os papéis tradicionais impostos às mulheres. A protagonista, em diversas passagens, questiona sua capacidade de atender às expectativas de maternidade, refletindo uma consciência crítica que questiona sobre a necessidade de reconhecimento das identidades múltiplas que as mulheres carregam (Lorde, 2020).

Uma das contribuições mais significativas de *A filha primitiva* é a forma como a maternidade se entrelaça com questões de raça. A personagem nomeada como “Avó”, que também é mãe e filha, enfrenta não apenas os desafios da maternidade, mas também a opressão racial que complica ainda mais sua vivência. O racismo estrutural impacta diretamente na forma como essa mulher exerce sua maternidade, limitando suas opções e reforçando estigmas sociais.

Frantz Fanon (2008), infere que é comum a internalização do racismo por pessoas negras, e que isto afeta a psique das pessoas racializadas. No romance, vemos essa internalização refletida nas inseguranças da personagem, que se vê em constante luta contra as narrativas que tentam deslegitimar sua experiência como mãe. Passos utiliza essa perspectiva para destacar a importância de uma maternidade que não se conforma, mas que resiste e reivindica espaço.

Filha de uma empregada doméstica que oculta suas origens e de um pai cuja identidade permanece desconhecida, a narradora inicia uma busca por suas raízes, enquanto tenta estabelecer um lar precário para a filha recém-nascida. Ao longo de sua jornada, torna-se evidente que ter uma história é um privilégio muitas vezes atrelado à classe social e ao gênero. Sem esse privilégio, a protagonista, que se esforçou para concluir a graduação em Letras, se volta para o que lhe resta: as palavras. Através delas, ela busca preencher as lacunas de sua existência e construir uma identidade que lhe permita, finalmente, ser reconhecida como sujeito e, a partir daí, assumir o papel de mãe, além de oferecer uma reflexão profunda sobre a relevância da ancestralidade e da linguagem na construção de quem somos.

A maternidade em *A filha primitiva* também é uma questão de representatividade. Teóricas da crítica feminista enfatizam a necessidade de dar voz às mulheres que, historicamente, foram silenciadas. Passos, por meio de suas personagens, cria um espaço no qual essas vozes são ouvidas e valorizadas. A obra se torna um campo de resistência, em que a experiência da maternidade é reimaginada.

Como afirma Patricia Hill Collins (2019), a maternidade negra é frequentemente construída a partir de estereótipos negativos. Nesse sentido, a autora subverte essas narrativas ao apresentar mães que não se encaixam em moldes pré-estabelecidos, mas que lutam por sua autonomia e por um entendimento mais profundo de suas identidades.

Neste contexto, o objetivo deste estudo é reconhecer na literatura feminista, as formas de representações, imaginários, subjetividades do que é “ser mãe” em uma

sociedade patriarcal, com intuito de oferecer uma reflexão crítica sobre a experiência feminina e a maternidade, destacando como essas experiências moldam a identidade e o sentimento de culpa e negação da maternidade vivida pela protagonista.

A filha primitiva é uma obra que desafia as concepções tradicionais de maternidade, especialmente no contexto das mulheres negras. Ao dialogar com críticas feministas e narrativas literárias, Passos oferece uma visão multifacetada da maternidade, que é, ao mesmo tempo, uma luta pessoal e uma resistência coletiva. Por meio de suas personagens, a autora nos convida a refletir sobre as complexidades da experiência materna e a importância de reconhecer e valorizar as vozes que emergem desse espaço.

1 A MATERNIDADE EM CONFLITO

Se a maternidade é o próprio Sacrifício, o destino de uma filha é a culpa que jamais poderá ser resgatada.

Milan Kundera

Muito se tem discutido, tanto no âmbito acadêmico, quanto nos movimentos feministas, as representações sociais construídas em torno da maternidade na sociedade contemporânea. Tais discursões estão presente nas mídias digitais, nas redes sociais, nos jornais tradicionais, no teatro, no cinema e no nosso cotidiano.

O que se pode afirmar de antemão, é que no plano enunciativo, a maternidade elege “lugares de falas” em que se é permitido determinadas enunciações, e negadas tantas outras.

No Brasil, as discussões sobre a maternidade passam a tomar conta dos discursos nos espaços sociais ainda no século XIX, com a criação da Lei do Ventre Livre de 1871, que separava as mulheres escravizadas de sua capacidade de reprodução, tanto em termos retóricos quanto físicos, separando seus ventres do restante de seus corpos vivos (Roth, 2020).

A retórica em torno das capacidades reprodutivas das mulheres escravizadas foi racionalizada na medida em que somente mulheres de cor eram escravizadas e, portanto, qualquer legislação relacionada a seus corpos se referia especificamente às mulheres negras (Machado; Brito; Silva; Gomes, 2021).

Dessa forma, no Brasil do século XX, é integrado aos discursos nacionalistas a importância da capacidade reprodutiva das mulheres para o futuro do país. O discurso médico passa a incluir todas as mulheres, independentemente da cor da pele ou classe social, em sua ênfase retórica pela melhoria da saúde reprodutiva das mulheres com o objetivo de assegurar o surgimento de uma “raça” brasileira forte e, de novos trabalhadores nacionais (Machado; Brito; Silva; Gomes, 2021, p. 111).

Observa-se assim a continuidade da influência da Lei do Ventre Livre, muito depois do fim da escravidão, no século XX e até os dias atuais, principalmente quando colocamos em pautas as estruturas reais e duradouras da escravidão no Brasil, que continuam a afetar a vida das mulheres pretas e, conseqüentemente os discursos sobre os seus corpos, a maternidade, a saúde reprodutiva, gênero e raça no Brasil.

Neste sentido, Butler (2015) entende que “antes de ser, um corpo estar exposto a uma modelagem e a uma forma social, e isso é o que faz da ontologia do corpo uma ontologia social” (Butler, 2015, p. 16). O corpo, mais especificamente o corpo das mulheres, está exposto a forças articuladoras sociais e políticas, bem como a exigências de sociabilidade, incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo.

Essas forças quando articuladas, criam códigos comportamentais e emocionais para as mulheres que alimentam os discursos sobre os tipos de comportamentos esperados durante a maternidade, tomam forma o discurso da mãe subserviente, da mãe amorosa, da mãe guerreira, da mãe sagrada. “Nas mães passa a ser depositada toda a responsabilidade da regeneração da raça, enfatizando-se o papel conservador das mulheres enquanto progenitora dos filhos da nação” (Ramos, 2002, p. 23).

Os discursos construídos em torno da maternidade até então são peça indispensáveis para a construção e a sustentação dos papéis de gênero que, segundo Scott (1995), se baseariam nos símbolos culturais de uma sociedade, bem como nas normas que dão explicação a esses símbolos, que estão presentes nos preceitos religiosos, educacionais, políticos, jurídicos e na organização social com suas instituições. A subjetividade de cada pessoa, bem como as reações frente às questões de gênero também estão relacionadas com essa construção (Scott, 1995, p. 86-87).

Portanto, para analisar e entender como esses discursos são construídos é preciso observar diferenças que tradicionalmente são configuradas na raça, no gênero e na classe social e que se manifestam através das diferenças nos espaços da educação, do trabalho e de poder.

A própria maternidade configura-se de formas diferentes entre as classes, Beauvoir (1949), aborda que a maternidade muitas vezes representa um fardo para as mulheres operárias e para as mulheres negras, a pobreza, a crise de habitação, a necessidade de as mulheres trabalharem fora de casa, aliados aos cuidados do lar e dos filhos, lhes proporcionam uma jornada diária exaustiva.

Isso significa que o trabalho das mulheres mesmo em casa é duplicado e no caso das mulheres negras triplicado, uma vez que é obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares (Gonzalez, 2020).

Mulheres negras também possuem dificuldades de acesso aos serviços de saúde, como assistência de qualidade durante a gestação, os cuidados recebidos,

principalmente no momento do pré-natal e na idade considerada fértil para as mulheres, atentando-se para a sua saúde reprodutiva (Baia, 2020).

De acordo com Collins (2019), a ideia de uma mulher negra forte foi construída associada à escravidão, elaborada a partir de uma ideia racista e misógina de que mulheres negras aguentavam tudo, seja fisicamente, simbolicamente ou subjetivamente. Não é raro que, em diversos espaços as mulheres negras sejam retratadas como mulheres fortes, guerreiras, capazes de aguentar o mundo todo nas costas.

Ao mesmo tempo, também está no imaginário a mãe preta irresponsável (Gonzalez, 2020). Estamos falando da mãe preta daquela família desajustada, na visão de alguns, pois é chefiada por uma mulher. Em grande parte dessas famílias, a mulher sai para trabalhar e, como não há vagas em creches, ela deixa os filhos sozinhos ou com quem puder cuidar.

Estas narrativas possuem inúmeras funções: podem servir para transmitir informações, persuadir, apresentar uma imagem, estruturar ideias ou identidades. Ou seja, as narrativas sobre a maternidade não têm como função apenas criar cenários de histórias que sejam incoerentes, mas reafirmar como esta é representada e carregada de signos e símbolos na sociedade e na cultura patriarcal que caracteriza as mulheres como sendo seres inferiores.

Beauvoir (1949), aborda que há um discurso pré-estabelecido sobre a maternidade, no qual a partir do momento que as mulheres se tornam mães, elas realizam integralmente o seu destino fisiológico, a maternidade é tida como “vocação” natural das mulheres. Em outras palavras, o corpo social das mulheres passa a ter como função a “reprodução”.

Tomamos discurso aqui como uma produção coletiva e histórica, na visão de Foucault:

Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística, dada as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 1969/1987, p. 136).

Badinter (1985), irá compreender a maternidade como uma construção social e discursiva, enraizada simbolicamente e que varia segundo diferentes contextos históricos, sociais, econômicos e políticos.

Cria-se um discurso de que os cuidados e educação das crianças são continuidade do ato biológico, não reconhecidos como trabalho, e sim como função natural, assim como a associação de características morais e emocionais às características fisiológicas que associam a maternidade a um “destino” natural das mulheres.

Essas ideias, além de limitadas, mantêm uma visão distorcida dos papéis de

gêneros. Esse tipo de divisão de papéis não só recai sobre a maternidade, como também reforça a ideia de que as mulheres devem se submeterem a um esforço contínuo, muitas vezes invisível, enquanto o homem é visto como um colaborador ocasional, contribuindo apenas quando lhe é solicitado. Em vez de promover um equilíbrio real, essas construções sociais alimentam a desigualdade e dificultam a construção de uma estrutura familiar verdadeiramente cooperativa.

Beauvoir (1949), caracteriza em seus escritos a maternidade a partir dos papéis sociais de mulheres e homens que são construídos discursivamente, e destaca que historicamente os discursos religiosos constroem a identidade das mulheres ligada à função materna. Além de enfatizar que o discurso do amor materno constrói o discurso sagrado da maternidade, assim, a mulher deixa de ser um objeto submetido a um sujeito, não é tão pouco um sujeito angustiado por sua liberdade, é essa realidade equívoca: a vida.

“O corpo é enfim dela, posto que é do filho que lhe pertence. A sociedade reconhece-lhe a posse desse corpo e ainda o reveste de um caráter sagrado” (Beauvoir, 1949, p. 296).

Nesse sentido, “Mãe” é um significante que contempla a mulher que deu à luz, a mulher responsável pelo filho sem tê-lo parido, a mulher que é responsável legalmente, mas que não se ocupa do filho. O termo “mãe” se liga ao mito de que a genitora é o tipo preferencial de mãe, aquela que teria dotes naturais para a função (Iaconelli, 2023, p. 21).

Nos limites desse termo, “o corpo” aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual, segundo Butler (2010, p. 30), é uma vontade de apropriação cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado.

Alienada com a ideia de que mantém o domínio sobre o seu corpo e a sua dignidade social, a mãe nutre a falsa sensação de que, em si mesma, encontra um valor pleno e absoluto.

Portanto, a maternidade é um conceito repleto de complexidade e contraditórias expectativas culturais, que se refletem de forma distinta em cada indivíduo e em cada contexto social.

Em *A Filha Primitiva*, de Vanessa Passos, a escritora apresenta uma visão radical e profundamente subjetiva da maternidade, explorando suas diferentes facetas, como a negação da maternidade, a culpa materna, e a busca por identidade através do corpo discursivo.

A maternidade, na obra de Passos, se manifesta inicialmente como um ato físico, mas também simbólico, ligado à ideia de um corpo discursivo. Um corpo que se recusa a

ser reduzido a um mero recipiente de gestação, mas que carrega consigo as experiências de dor, desejo, negação e autoquestionamento. A protagonista “Mãe” vivencia um intenso conflito interno com a maternidade, que se revela nas palavras de Passos:

Não tinha mais cordão umbilical, a menina não mamava mais. Era a raiva agora que passava pra ela, de mãe pra filha. Não foi o parto, não; não foi a contração, não; não foi dar o peito, não; foi a raiva que me tornou mãe (Passos, 2022, p. 64).

Esse trecho é fundamental para compreender a tensão entre o desejo de cumprir um papel materno e a incapacidade da personagem de se reconhecer como mãe, já que sua identidade é negada, não apenas pela sociedade, mas também por ela mesma.

O corpo discursivo, conceito que se reflete na escritura e nas narrativas pessoais, é expresso também pela própria escrita da protagonista, que, ao escrever, se reinventa e busca formas de dar voz àquilo que o corpo em si não consegue comunicar. Ela reflete: “Agora me dei conta: a chegada da menina me engravidou de novas palavras. Fico pensando que escrever é um parto infinito” (Passos, 2022, p. 33).

A escrita se torna o lugar onde a identidade materna, complexa e multifacetada, pode ser ressignificada, ultrapassando as limitações do corpo físico e dos papéis preestabelecidos: “Tinha o fone no ouvido e os cadernos na mão. A menina brincava na cama sem travesseiros de proteção. Eu não estava preocupada se ela ia cair, se ferir ou até perder a própria vida” (Passos, 2022, p. 34-35). E continua:

Pensei no nascimento das palavras, observei minha caligrafia que mudava à medida que escrevia, as palavras serelepes saltando na folha, brincando igual a menina, que agora me olhava com cumplicidade (Passos, 2022, p. 35).

A materialidade do sujeito traz junto ao corpo e o sentido, como um corpo que se simboliza. Compreende-se esse sentido do corpo, pensando o sujeito que tem um corpo e como o corpo desse sujeito faz parte do corpo social. Ou seja, a simbolização do sujeito implica a simbolização do corpo (Orlandi, 2012).

A linguagem está inseparável da constituição dos sujeitos, está intrínseca no corpo e no próprio ser. Assim, a escrita é a possibilidade de percepção/viabilização do próprio ser. É constituída na própria vivência da autora.

A maternidade na obra de Passos também se entrelaça com a culpa, um sentimento frequentemente associado à experiência materna, especialmente em contextos sociais de vulnerabilidade. A culpa aparece de forma explícita na seguinte fala da personagem “Avó”: “Só pode ser maldição. Outra que vai crescer sem o pai. É tudo culpa minha, e desatou a chorar” (Passos, 2022, p. 15).

Esse sentimento de culpa é uma constante no discurso da personagem “Avó”, que parece carregar a responsabilidade de não ser a mãe idealizada, uma figura que, como muitas mães negras, deve se adaptar à lógica de uma maternidade idealizada pela sociedade, frequentemente em desacordo com sua realidade. A culpa materna é uma construção social que recai sobre as mulheres, especialmente as mulheres negras, que se veem cobradas a cumprir papéis que muitas vezes não têm condições ou vontade de exercer: “Você é minha redenção, minha filha” (Passos, 2022, p. 39).

A visão da maternidade em *A Filha Primitiva* também reflete um questionamento profundo da religião e dos valores impostos, especialmente em um contexto de opressão. A autora provoca, criticando a ideia de fé e amor genuíno, ao afirmar: “O que realmente duvido é do amor do pai e do filho. Não acredito nesse sentimento genuíno de um ser cem por cento Deus e cem por cento homem que morreu por nós” (Passos, 2022, p. 36). Ao questionar a divindade masculina, a protagonista sugere a desconstrução de valores que são impostos à mulher, especialmente a mulher negra, que, muitas vezes, se vê representada de forma distorcida e subordinada, tanto no campo religioso quanto social.

A maternidade, nesse sentido, pode ser vista como um processo de desconstrução e reconstrução das mulheres e das mães, não como uma figura sacralizada, mas como um ser complexo, com desejos, frustrações e dilemas próprios. A maternidade aqui não é uma glorificação, mas uma luta constante pela autenticidade da mulher.

Comecei a ter vontade de escrever nas vezes em que me pegava observando a menina. Acho que passei a aceitá-la por conta daquilo, daquele desejo que chegava mais forte. Foi a primeira vez que pensei nela me dando algo, e não tirando tudo de mim (Passos, 2022, p. 34).

O processo de escrita se torna o espaço onde a mãe se reconstrói, e suas palavras podem surgir como um ato de resistência e expressão.

Decerto que escrever não é impor uma forma (de expressão) a uma matéria, a do vivido. A literatura tem que ver, em contrapartida, com o informe, com o inacabado. Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido (Deleuze, 1993, p. 11).

Os sujeitos, como nos lembra Julia Kristeva (1984), são constituídos em linguagem na interação entre o semiótico e o simbólico, a autora defende a impossibilidade de se definir as mulheres como essencialidade biológica, percebe o feminino como a negação do fálico, e a escrita feminista como o elemento que rompe a ordem simbólica, do seu ponto de vista, as mulheres, ao se libertarem da rigidez da ordem simbólica, são capazes de produzir obras literárias e textos peculiares.

Deste modo, Passos oferece, por meio da sua escrita, uma nova possibilidade de

compreender a maternidade, através de um discurso que subverte os ideais de maternidade e os enquadramentos em que a maternidade de mulheres pretas é colocada, o discurso, como afirma Michel Pêcheux (1995), é o efeito de significados entre falantes, objeto histórico-social no qual pressupõe sua linguística, deste modo critica a evidência de sentido e o sujeito intencional que estaria na origem do sentido.

No romance de Passos, o discurso nunca possui uma só dimensão. Um lapso na fala nos lembra imediatamente que vários discursos podem usar o mesmo porta-voz ao mesmo tempo.

Ao discutir a culpa, a negação e a reinvenção da maternidade, Passos nos oferece uma reflexão poderosa sobre a maternidade como uma construção social e subjetiva. É necessário pensar em um novo conceito de maternidade, que considere não apenas o papel biológico, mas também a experiência emocional, cultural e social das mulheres, especialmente das mulheres negras.

2 A FORÇA DA NARRATIVA: O PARTO ININTERRUPTO DAS PALAVRAS

A ficção é como uma teia de aranha, presa muito levemente, talvez, mas ainda presa à vida em todos os quatro cantos. Frequentemente, o apego é quase imperceptível.

Virginia Woolf.

A escrita das mulheres tem sido, ao longo da história, um espaço de contestação, resistência e reinterpretação das normas sociais que buscam silenciar suas vozes e limitar suas existências. Em *A Filha Primitiva*, Vanessa Passos utiliza a escrita como uma ferramenta de autodefinição e reconstrução de uma identidade que não se submete às convenções da sociedade patriarcal.

A narrativa da protagonista, nomeada de “mãe”, é marcada pela ambiguidade da maternidade e da identidade feminina, e propõe uma reflexão profunda sobre a alteridade e a subversão das expectativas sociais impostas às mulheres, especialmente às mulheres negras.

A maternidade, no romance narrado em primeira pessoa, é apresentada como um campo de tensões e contradições, onde o corpo da protagonista que também é escritora se torna o centro de um processo de autoconhecimento e resistência. Ela escreve para se descobrir, para dar voz àquilo que ainda não tem forma, como evidenciado no trecho:

Pouca coisa sobra da gente depois da maternidade. Vou me descobrindo enquanto escrevo, quando puxo de dentro uma palavra depois da outra, sem sentido lógico as palavras continuam vindo (Passos, 2022, p. 27).

Neste contexto, a maternidade emerge como o fio condutor da narrativa. A ausência de nomes próprios para as personagens — a avó, a mãe e a filha — é um recurso estilístico significativo, que reforça a ideia de que elas representam figuras universais, símbolos de uma linhagem de mulheres cujas identidades pessoais se diluem em um ciclo de gerações. A falta de nomes próprios, longe de ser uma omissão, enfatiza o apagamento da identidade individual das mulheres negras em meio às expectativas e pressões do papel feminino tradicional, tornando-se uma metáfora para o esquecimento da ancestralidade e da história pessoal da narradora.

Minha mãe é uma daquelas personagens que a gente odeia e, ainda assim, não consegue deixar de acompanhar. À primeira vista, uma pessoa simples, negra, analfabeta, trabalhava em casa de família, sem muitos anseios e pretensões (Passos, 2022, p. 26).

A negação dessa ancestralidade e, conseqüentemente, a perda de uma parte essencial da identidade da narradora, é um tema central na obra. O conhecimento das gerações passadas é vital para a construção da própria identidade e, ao ser negado, a narradora sente-se desconectada de um direito fundamental: o direito de se reconhecer em sua história. Essa ausência de conexão com a ancestralidade é marcada por diálogos difíceis e relatos dolorosos, que expõem a raiva e a dor da narradora, numa tentativa de lidar com o que foi negado a ela.

Eu não sou boa com nomes, nunca fui. Todos os personagens das minhas histórias não têm nomes, porque não consigo escolher. E eles seguem sem nome, podendo ser, qualquer um, o leitor ou até eu mesma. É só estar no mundo, porque a realidade, às vezes, é muito mais absurda que a ficção (Passos, 2022, p. 48).

Assim em constante conflito com a figura da mãe, que também é “avó”, a protagonista perpetua violências contra a “filha” recém-nascida, em busca de respostas sobre a identidade do pai, um homem branco:

Encurralada, entre a parede e a porta do banheiro, vendo a menina no meu colo, chorando, enguiando, sufocando. Correu em minha direção, deslizou e caiu no chão. Com dor, vendo minhas mãos prestes a tampar o nariz e a boca da menina. A pressão dos meus braços aumentava o coro, o desespero. Então, finalmente o nome. Ela disse. (Passos, 2022, p. 43).

A violência é constante por toda a narrativa em uma teia que perpassa de avó, para filha, e de filha para neta, uma violência que, ao longo dos séculos, foi praticada contra as mulheres negras, o abandono paterno, presente na narrativa, marca um vazio,

da própria protagonista, que embora seja filha de uma mulher negra, apresenta um tom de pele descrito como branco: “As pessoas estranhavam que eu era branca e ela, negra. Tinha que explicar que eu era filha dela mesmo, não era adotiva” (Passos, 2022, p. 47).

A violência simbólica se passa “aquém da consciência e da vontade” o que lhe confere um “poder hipnótico” (Bourdieu, 2002, p. 54). No processo de socialização, os homens aprendem a dominar, a exercer a violência, enquanto as mulheres aprendem a submissão.

No decorrer da narrativa, descobrimos que sua origem veio de um estupro, o que sistematiza a violência contínua de homens branco contra mulheres negras nos tempos coloniais e na contemporaneidade: “Você não tem nada dele, minha filha. Nada. Só a pele branca e a raiva” (Passos, 2021, p. 60).

Para Audre Lorde (2020, p. 161), todas as mulheres têm um arsenal de raiva bem abastecido, o que pode ser útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. A protagonista, vítima de violência desde criança, usa essa raiva com precisão e a torna uma poderosa fonte de energia para a escrita que dá voz a várias mulheres negras que diariamente são silenciadas.

Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará (Lorde, 2020, p. 53-54).

Segundo Elódia Xavier (2021), o corpo feminino na literatura é frequentemente tratado como um espaço de submissão às normas e expectativas sociais, mas também como um terreno de resistência e transformação. As personagens, ao não terem seus nomes próprios, refletem essa ausência de autonomia sobre seus corpos e suas identidades, sendo moldadas por uma sociedade que restringe suas possibilidades de se afirmarem plenamente.

“Um personagem só ganha vida, só se materializa com o nome. Por isso nunca chamei a menina pelo nome. Talvez ela não vingue” (Passos, 2022, p. 45).

Deste modo segundo Antonio Candido (2009, p. 55) “a personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe?”

A criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é

a concretização deste (Candido, 2009, p. 55).

Conquanto, a escrita de Passos (2022), se revela por meio de fragmentos e reflexões que se completam, ressoa na crítica de Hélène Cixous (1976), que defende a escrita feminina como uma forma de expressar a multiplicidade do ser feminino, rompendo com as estruturas limitadoras do discurso patriarcal. Cixous (1976), defende que a mulher, ao escrever, pode ultrapassar as barreiras impostas pela sociedade e criar uma nova forma de existência, mais autêntica e livre.

Ao questionar a própria identidade materna, a personagem reflete as tensões entre o desejo pessoal e as expectativas sociais que envolvem o papel de mãe:

Já era tempo de parar de mamar, mas a menina continuava agarrada ao peito. No fundo eu gostava, porque era o único momento em que eu me sentia mãe de verdade. A menina sugando de dentro de mim a mãe que eu não era (Passos, 2022, p. 11).

A narradora desconstrói o mito do amor materno e promove a desromantização da maternidade. Não existe o “instinto materno”, a palavra não se aplica à espécie humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira porque a assume. É extremamente variável (Beauvoir, 1949, p. 312).

Repetem as mulheres desde a infância que elas são feitas para gerarem e contam-lhe o esplendor da maternidade, tudo é justificado por esse privilégio maravilhoso de pôr filhos no mundo, no entanto, na maioria dos casos, as mulheres renunciam a sua carreira profissional e ao trabalho intelectual para se dedicar a função materna (Beauvoir, 1949, p. 288).

A partir dessas reflexões sobre a maternidade Hélène Cixous (1976, p. 875), reivindica que as mulheres devem colocar-se no texto - como no mundo e na história - pelo seu próprio movimento. Para a autora a escrita é precisamente a própria possibilidade de mudança, o espaço que pode servir de trampolim para pensamento subversivo, o movimento precursor de uma transformação de estruturas sociais e culturais.

A protagonista busca reinventar sua identidade e se distanciar dos papéis tradicionais impostos pela sociedade. A maternidade, para ela, é um espaço de contínua reinvenção, onde ela se pergunta constantemente sobre o que significa ser mãe:

Não sei se quero que ela pare de mamar. Dar o peito é o único carinho que sei. O que vou fazer quando ela parar de mamar? Sem o peito, sem o leite, ainda vou ser mãe da menina? (Passos, 2022, p. 13).

É preciso considerar que as decisões e os sentimentos confessados da jovem mãe

nem sempre correspondem a seus desejos profundos. Uma mãe solteira pode estar materialmente acabrunhada e melancólica pelo fardo que lhe é repentinamente imposto, desola-se abertamente (Beauvoir, 1949, pág. 290).

Como observado na narrativa a seguir:

Às três da manhã, eu não aguentava mais o choro da menina(...) já alimentava a certeza de que era melhor dar a menina do que um dia desses fazer uma besteira. Qualquer outra família seria melhor para ela, melhor para nós duas (Passos, 2022, p. 31).

E continua...

A moleira, não pode chacoalhar assim, podia ter morrido.

Podia?

Podia.

Fui dormir. Descansar um pouco pra trabalhar cedo no dia seguinte.

Podia ter sacolejado mais um pouco (Passos, 2022, p. 31).

Voltamos a tratar dos discursos construído sobre a maternidade, o primeiro consiste em imaginar que a maternidade basta, em quase todos os casos, para satisfazer a vida das mulheres: não é verdade. É preciso que as mulheres se encontrem numa situação psicológica, moral e material que lhe permita vivenciar a maternidade. Ser mãe, é sem dúvida um empreendimento a que se pode validamente destinar, se assim, sonha, mas tal como outras não representa uma justificação em si para a felicidade das mulheres.

Tzvetan Todorov (2009), argumenta que toda narrativa gira em torno de um movimento de “perda e restauração da ordem”, que se dá pela transgressão das normas e pela relação do protagonista com o “outro”. O autor destaca que a literatura é uma maneira de olhar o outro e, ao mesmo tempo, olhar para si (Todorov, 2009).

A protagonista se vê constantemente desafiada pela alteridade, tanto da filha, que representa o novo e o desconhecido, quanto da mãe, que simboliza a continuidade de um ciclo de gerações marcado por opressões. Em sua busca por uma identidade própria, a personagem busca se distanciar da imposição dessas identidades herdadas, como no momento em que ela deseja “ficar o mais distante das duas, da minha mãe e da menina, ir pra um lugar onde ninguém me conhecesse e eu pudesse ser aquilo que eu inventasse” (Passos, 2022, p. 11).

A alteridade surge como um conceito essencial para entendermos a narrativa de Passos. Para Beauvoir (1949), a alteridade é um conceito imprescindível para o pensamento humano, ao retomar a ideia hegeliana da hostilidade primordial da consciência, que se caracteriza pela tentativa da consciência de exercer controle sobre outras consciências para afirmar sua própria existência. Nesse processo, tanto o indivíduo quanto a coletividade, ao se constituírem, precisam se perceber como “Um” e, nesse

movimento, criar a noção de “Outro”, estabelecendo, assim, uma relação de sujeito a objeto (Beauvoir, 1949, p. 13).

O “Outro” é assimilado como linguagem no romance, à medida em que a protagonista tenta preencher o vazio sentido e articula ações que são socialmente compreensíveis, e ao mesmo tempo não aceitáveis.

Por conseguinte, o “Outro” pode ser visto como um intruso traiçoeiro e não convidado que, sem cerimônia e de maneira desfavorável, transforma nossos desejos, mas é, ao mesmo tempo, aquilo que nos capacita a revelar uns aos outros nossos desejos e a nos “comunicarmos” (Fink, 1998, p. 23).

Assim, a negação da liberdade das mulheres se configura como um processo crucial de opressão, que começa ainda na infância. Desde cedo, a menina é ensinada a existir conforme o modelo da mulher idealizada pela sociedade patriarcal, o que a faz crescer para se tornar “O Outro”, ou seja, o ser cuja subjetividade é negada e cujas aspirações de liberdade são refreadas. Empurrada para o casamento heterossexual, para as tarefas domésticas e para a maternidade, a qual é vista como um destino fisiológico (Beauvoir, 1949, p. 279).

Para Grada Kilomba (2019), a mulher negra é o outro do outro, pois é o outro do homem e o outro do branco, a antítese da masculinidade e da branquitude, estando hierarquicamente na posição mais vulnerável na supremacia patriarcal e colonial.

A negação da maternidade na narrativa pode ser vista pelo(a) leitor(a) como uma loucura terrível, mas que não pode e não deve ser desprezada na narrativa, segundo Virginia Woolf (1929), ela brota de um tudo moldado, final, não em meros pingos, como a sanidade faz.

“A menina chutou de novo, uma pontada fina no pé da barriga. Soquei a barriga de volta. Os chutes pararam. Os pontapés. Tudo calmo. A menina, quietinha, queria sobreviver” (Passos, 2022, p. 20).

Sigmund Freud (2014), designa como negação o *negativo* à operação psíquica que separa afeto e julgamento intelectual. Particularmente na neurose, a negação provém do mecanismo de repressão, cuja finalidade é o desinvestimento de representantes instintivos em conflito com o *Eu*, visando à separação entre representação (representante instintivo qualitativo) e afeto (representante instintivo quantitativo).

Podemos pensar no ato de negar, elementos da realidade objetiva, como expressão psíquica da negação da culpa que constitui o sujeito e, conseqüentemente, da negação do próprio *Eu*.

O corpo na gestação, colonizado por outro corpo, põe à prova as capacidades do sujeito de manter e reorganizar a relação com a autoimagem que sustenta o *Eu* (Iaconelli, 2023, p. 133).

hooks (2018, p. 110), de forma irônica, afirma que várias pessoas pressupõem que qualquer lar é automaticamente matriarcal quando a mulher é chefe de família. Na realidade, mulheres chefes de família na sociedade patriarcal, com frequência, sentem-se culpadas pela ausência de uma figura masculina e ficam hiper atentas à comunicação de valores sexistas para as crianças.

Na narrativa, a personagem “avó” tenta a todo momento buscar uma substituição da figura paterna, tanto para a filha, nomeada de “mãe”, quanto para a neta, nomeada de “filha”.

“Só pode ser maldição. Outra que vai crescer sem o pai. É tudo culpa minha, e desatou a chorar” (Passos, 2022, p. 15). E continua... “Que o Pai do céu fosse nosso pai, avô e marido...” (Passos, 2022, p. 16).

Passos escreve a maternidade em uma narrativa colérica, a identidade e o corpo da protagonista se entrelaçam, cujo a dor de escrever se funde ao ato de parir o que resulta em momentos de incerteza e desconforto:

Nem todo mundo que escreve sabe sobre parir, o que é ser mãe de palavras. Não sabe o que é lamber a cria. Não sabe a culpa que carrega uma mãe. A dor que é escrever. Não se deu conta que é preciso parir pra escrever (Passos, 2022, p. 33).

Julia Kristeva (1984), afirma que a escrita feminina é uma forma de transgressão da ordem simbólica vigente, ao resgatar o não-dito e o silenciado. Kristeva (1984), observa que a mulher, ao escrever, se afasta da linguagem tradicional e se reconecta com os aspectos mais profundos da psique humana, que não estão aprisionados pelas convenções linguísticas patriarcais.

Para uma mulher, escrever sobre maternidade é um enorme desafio, afinal, no exato instante em que uma mãe está escrevendo, ela não está cuidando de seus filhos. É uma escrita culpada.

Segundo Kristeva (1984), a escrita feminina é uma reapropriação do simbólico, uma forma de romper com o “inconsciente coletivo” que marginaliza a mulher: a escrita feminina é uma revolução simbólica, porque ela rompe com a estrutura rígida e binária da linguagem patriarcal.

Fico pensando que escrever é um parto infinito. A gente vai parindo devagarzinho, letra por letra, que se não saem ficam encruadas dentro fazendo mal, ferindo a gente feito felpa que entra no dedo. Tem que tirar com agulha, espremer o pus. Dói parir palavras. Dói mais ainda viver com elas dentro (Passos, 2022, p. 33).

Em consequência, no romance, o sentimento da realidade é devido conforme

Candido (2009), a fatores diferentes da mera adesão ao real, embora este possa ser, e efetivamente é, um dos seus elementos. Assim, as personagens que aqui são apresentadas como “Filha”, “Mãe” e “Avó” nos parecem reais porque, aos poucos, vamos sabendo tudo a seu respeito, ou dá esta impressão, mesmo que não esteja escrito. É como se estas personagens fossem inteiramente explicáveis; e isto lhe dá uma originalidade maior que a da vida, onde todo conhecimento do outro é, como vimos, fragmentário e relativo.

Roland Barthes (1973), argumenta que o texto literário deve ser visto como um espaço de multiplicidade e de constante reinvenção, onde o leitor não apenas recebe o sentido, mas participa ativamente na criação desse sentido.

Barthes (1973), diz que o prazer do texto é a não-certeza do sentido, o que se alinha perfeitamente à escrita fragmentada e aberta de Passos, que não oferece uma resposta definitiva ou uma resolução fácil. Ao contrário, o texto de Passos, com suas reflexões desconstruídas e fragmentadas, convida o leitor a participar de um processo de descoberta contínua da identidade e da maternidade.

Foucault (2016, p. 101), aborda que a literatura é uma linguagem transgressiva, é a voz dos sujeitos, a literatura não é outra coisa senão a representação de signos e símbolos dados na sociedade e na cultura, a literatura não se constitui a partir do silêncio.

Todorov (2009), por sua vez, define a narrativa como um processo de transformação do sujeito, em que há uma mudança fundamental nas condições do protagonista, que parte de um estado de desordem para a restauração de uma nova ordem.

Em *A Filha Primitiva*, a protagonista vive essa transformação à medida que vai se distanciando (e ao encontro) de sua mãe e da filha para se reinventar, o que se reflete nas mudanças que ela vivencia enquanto escreve e reflete sobre sua própria maternidade e identidade. Ao afirmar que “agora me dei conta: a chegada da menina me engravidou de novas palavras” (Passos, 2022, p. 33), a protagonista reconhece que sua experiência materna a modificou profundamente, trazendo à tona novas formas de se expressar e se compreender.

Ao adotar na narrativa um modelo da realidade, a autora busca imprimir a essa realidade, no âmbito psicológico, os seus próprios questionamentos e vivências pessoais acerca da maternidade, a qual utiliza para tentar desvelar o enigma e afirmar a verossimilhança da personagem retratada. Em outras palavras, a autora busca elaborar uma narrativa que se alinha diretamente com a vivência real de várias mulheres pretas, e mulheres que ainda estão se tornando pretas, como é o caso da protagonista que embora tenha um tom da pele retratado como branco, possui uma ancestralidade preta, retratada na figura da mãe, uma interpretação que ela desenvolve através de sua visão aguçada e

da onisciência própria de uma criadora, exercida com total liberdade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *A Filha Primitiva*, de Vanessa Passos, apresenta uma narrativa profundamente reflexiva e desafiadora sobre as identidades femininas, a maternidade e a opressão impostam pela sociedade patriarcal às mulheres negras.

Por meio de uma escrita fragmentada e aberta, Passos cria um espaço onde as palavras se entrelaçam para revelar as complexidades da experiência de ser mulher negra, especialmente dentro de um contexto de violência histórica e familiar. A protagonista, ao buscar entender e reconstituir sua identidade, nos convida a refletir sobre o impacto das gerações passadas e o peso da ancestralidade na formação do sujeito.

A escolha de Passos de não nomear suas personagens reflete o apagamento das identidades individuais das mulheres negras, enquanto coloca em evidência a construção de um corpo coletivo, que vive em um ciclo de opressões contínuas. A relação de violência que atravessa gerações, marcada pela ausência da figura paterna e pela imposição de um destino de subordinação e sofrimento, é um tema central da obra, que dialoga com o conceito de alteridade, fundamental na reflexão sobre a experiência das mulheres negras.

A maternidade, um dos pilares da narrativa, é desconstruída como um mito romântico, expondo a complexidade dos sentimentos de amor, culpa e frustração que as mulheres enfrentam ao assumir esse papel. Passos desafia as normas sociais e culturais que impõem a maternidade como um destino glorioso, revelando suas contradições e dificuldades. A protagonista, em sua busca por uma identidade autêntica e pela reinvenção de si mesma, expressa a raiva e a resistência contra as opressões que estruturam sua vida, uma raiva que se torna combustível para a escrita e para o processo de autodescoberta.

A escrita de Passos nos oferece as palavras como ferramentas de resignificação, um espaço de libertação que permite à protagonista criar sentidos para sua vida e para a vida das mulheres que carrega dentro de si.

A Filha Primitiva não oferece respostas definitivas, mas propõe uma jornada de descobertas e questionamentos, na qual a(o) leitora(o) é convidada(o) a acompanhar a transformação da protagonista enquanto ela enfrenta as tensões entre o desejo pessoal e as expectativas sociais. Ao narrar uma experiência de maternidade e identidade marcadas por contradições e angústias, Passos oferece uma obra rica, profunda e subversiva, que desafia a forma convencional de se pensar a literatura e a condição feminina. Por meio de sua escrita, ela reivindica o direito das mulheres de escreverem suas próprias histórias, de se reinventarem e de se afirmarem em um mundo que insiste em negá-las.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAIA, Luara Paula Vieira. **Maternidade tem cor?**: vivências de mulheres negras sobre a experiência de ser mãe. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2020. 120 f.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

BEAUVOIR, Simone de. (1949). **O segundo sexo**: a experiência vivida. Trad. de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. (1949). **O segundo sexo**: fatos e mitos. Trad. de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; DE ALMEIDA PRADO, Décio; GOMES, Paulo Emilio Salles. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 51-75.

CIXOUS, Hélène. O riso da Medusa. **Journal of Women in Culture and Society**, v. 1, n. 4, p. 875-893, Universidade de Chicago, 1976.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DELEUZE, Gilles. La Littérature et la Vie. **Critique et Clinique**, Minuit, Paris, 1993, pp. 11-17.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira**: sobre literatura. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, Michel [1969]. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FREUD, S. **A negação**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.

GONZALVEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista**: Psicanálise e políticas de reprodução. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRISTEVA, Julia. **Revolution in poetic language**. Nova Iorque, EUA: Columbia University Press, 1984.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: Ensaios e Conferências. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MACHADO, Maria Helena P. T.; BRITO, Luciana; SILVA, Iamara; GOMES, Flávio. **Ventres livres?** gênero, maternidade e legislação. São Paulo: UNESP, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2.ed. Campinas: Pontes, 2012.

PASSOS, Vanessa. **A filha primitiva**. São Paulo: José Olympio, 2022.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Editora da UNICAMP, 1995.

RAMOS, Maria Bernadete. Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzir Bittencourt. **Estudos feministas**, v.10, n.1, p. 11-37, 2002.

ROTH, Cassia. **A miscarriage of justice**: women's reproductive lives and the law in early twentieth-century Brazil. Stanford: Stanford University Press, 2020.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Tradução: Guacira Lopes Louro, Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

WOOLF, Virginia. (1929). **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Título em inglês:

**THE SUBVERSION OF MOTHERHOOD IN
THE PRIMITIVE DAUGHTER BY VANESSA PASSOS**